



## DEDO DE PROSA

## Para onde vai nossa energia?

**E**m uma reunião internacional promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) para jornalistas ambientais, por acaso fiquei ao lado de um representante do Egito. Um deputado japonês apresentava o plano de eficiência energética de seu país, considerado o melhor exemplo mundial de conversão de energia em Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, para cada kilowatt produzido, o Japão obtinha o melhor desempenho econômico do mundo. Troquei algumas impressões com meu vizinho de mesa e logo percebemos, os dois, algumas semelhanças entre nossos países.

Brasil e Egito têm grandes hidrelétricas cuja produção é preferencialmente — ou quase integralmente — destinada a setores ditos eletrointensivos, como papel e celulose, siderurgia ou alumínio. Brasil e Egito haviam recebido investimentos japoneses na instalação de tais indústrias e passaram a exportar os produtos dessas indústrias para o Japão. Brasil e Egito assumiram os custos sociais e ambientais das hidrelétricas como insignificantes, repartindo-os com suas populações.

Não demorou muito para fazermos a conexão dessas coincidências com o plano japonês tão aplaudido por todos os presentes: para chegar ao seu máximo exemplar de eficiência energética, o Japão havia transferido suas indústrias de alto consumo de energia para países em desenvolvimento com farta hidroeletricidade. O que Brasil e Egito exportavam, de fato, era energia, na forma de alumínio, aço ou papel e celulose. Faz sentido do ponto de vista internacional, pois a produção de energia no Japão é muito mais impactante do que no Brasil e no Egito. Mas é uma opção justa para com os brasileiros e os egípcios, para com nossas paisagens alteradas e nossa biodiversidade afetada?

A reunião ocorreu há mais de 15 anos e, desde então, a participação das hidrelétricas na matriz energética egípcia diminuiu bastante: dos quase 50% de então foi para os atuais 20%, com o aumento das térmicas movidas a derivados de petróleo e gás natural, ambos importados. O potencial de aproveitamento hidrelétrico da bacia do Nilo fora atingido e o Egito optou pelas fontes à base de combustíveis fósseis. Mas não deixou de processar alumínio. Ao contrário, essa indústria continua em expansão por lá.

O Brasil tem mais sorte com seu potencial hidrelétrico, com uma rede hidrográfica muito maior que a do Egito. A hidroeletricidade ainda corresponde a mais de 80% de nossa matriz energética e os planos governamentais de expansão da infraestrutura se sucedem, sem que se altere o bordão "precisamos construir mais usinas para crescer". Mais usinas hidrelétricas onde ainda é possível — e isso hoje quer dizer Amazônia, na visão desenvolvimentista — e mais usinas térmicas e nucleares, onde o potencial hidrelétrico estiver esgotado.

Porém, como o Egito, também não questionamos a real necessidade de manter a exportação de energia na forma de produtos eletrointensivos, assumindo como nossos os custos sociais e ambientais desse modelo. Pior, nem pensamos mais com seriedade na conservação de energia, num investimento maciço em cogeração ou no desenvolvimento de tecnologias para melhorar a eficiência de fontes alternativas de energia. O Egito, ao menos, tem um considerável programa oficial de energia eólica.

E nós, o que fazemos com nossa energia?

## TerraGente

## DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira  
Jonel Benfácio Coutinho Nogueira Filho

## CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,  
Ciro Porto, Ivan Szalma,  
Jonel Benfácio Coutinho Nogueira Filho,  
Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Sérgio Salvetti, Suzana Machado Paula

## DIRETOR EDITORIAL

Ciro Porto

## EDITORES EXECUTIVOS

Liana John  
Valdemar Sibrelli

## EDITORES

Luiz Figueiredo  
Marcelo Ribeiro

## DIREÇÃO DE ARTE

Matheus Jeremias Fortunato

## ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Matheus Jeremias Fortunato  
Renato Muehrer

## FOTOGRAFIA

Agostinho Matos, Antonio Luiz,  
Carlos Alberto Coutinho, Fábio Vilela,  
Geiser Trivelatto, Haroldo Palo Jr., João  
Luciano Candiani, Rafael Mittermeier

## COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriana Ramos, Claudionor Pecoran,  
Derciu Martins, Edith Gonçalves, Elio  
Evaristo Eduardo de Miranda, Fernando  
Henrique Picarelli, Marcos Correia,  
Mauro Campaniti, Paloma Faria

## JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (Mtb 20414)

## ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR - Antônio Wellington da Costa

## GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Regiane Eliza Bigon

## DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chagnaz

IMPRESSÃO - Gêbo Cochrane

## PARA ANUNCIAR

Gerência Comercial (09) 3776.6530

Bahia: (71) 3243.3587/ 9134.9547

Brasília: (61) 3321.9100/ 9655.1684

Belo Horizonte: (31) 3423.6647/8700

São Paulo e interior: (19) 3776.6530

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás

65-9235-7446 / (67) 96023429

Email: regiane@terradagente.com.br

## PARA ASSINAR

0800 703 3788

www.assineterradagente.com.br

CAPA  
Carlos Alberto Coutinho  
Espécie reintroduzida  
Tubarão-de-espanta (Oreochromis)

A revista TerraGente é uma publicação da Terra da Gente Ltda, uma empresa do Grupo E

ANER  
www.aner.org.br